

O Empório de Náucratis: historiografia entre o século XVIII e XXI

The Emporium of Naukratis: Historiography between the 18th and 21st Centuries

Leonardo Wesley do Santos

Graduando em História

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

lw.santos@unifesp.br

Recebido: 02/05/2024

Aprovado: 05/06/2024

Resumo: O empório de Náucratis foi estabelecido no Delta do Nilo entre o fim do século VII e início do século VI AEC, e ao longo de sua existência foi um dos principais portos comerciais do Egito. Este assentamento greco-egípcio foi um local de intensas trocas comerciais, culturais e religiosas entre os povos do Mediterrâneo. Dada tal especificidade, Náucratis se tornou um importante objeto de estudos para se compreender as interações entre gregos e egípcios na Antiguidade. Este artigo apresenta, concisamente, uma revisão bibliográfica das principais obras que, entre o século XVIII e XXI, se propuseram a estudar Náucratis. O objetivo primário deste estudo é pôr em perspectiva a produção de conhecimento sobre o empório e, a partir disso, analisar algumas das mudanças mais relevantes no discurso sobre Náucratis.

Palavras-chave: Náucratis; Delta do Nilo; Imperialismo.

Abstract: The emporium of Naukratis was established in the Nile Delta between the late 7th and early 6th centuries BCE. Throughout its existence, it served as one of Egypt's principal commercial ports. This Greco-Egyptian settlement fostered intense commercial, cultural, and religious exchanges among the Mediterranean peoples. Due to its distinctive nature, Naukratis has emerged as a focal point for scholarly inquiry into Greco-Egyptian interactions in antiquity. This article offers a succinct bibliographic overview of key works spanning from the 18th to the 21st centuries that have aimed to investigate Naukratis. The primary aim of this study is to contextualize the scholarly production concerning the emporium and, subsequently, to analyze significant shifts in the discourse surrounding Naukratis.

Keywords: Naukratis; Nile Delta; Imperialism.

Um panorama da história de Náucratis

Náucratis apresenta uma historiografia vasta e desafiadora, isto porque enquanto tema de estudo quase constante, desde o século XVIII até os dias atuais, este empório provou que não ocupa um lugar estático no pensamento erudito europeu. Os discursos que fundamentaram a construção do conhecimento sobre Náucratis estão intrinsecamente relacionados com os ideais e interesses próprios dos estudiosos da área de Estudos Clássicos, sobretudo historiadores da Antiguidade e arqueólogos clássicos. Dessa forma, uma revisão bibliográfica sobre o empório é antes de mais nada um estudo sobre as transformações no discurso sobre a História Antiga e sobre o lugar dos gregos e egípcios nas narrativas acadêmicas. Dito isso, antes de se compreender os discursos em torno de Náucratis, é necessário compreender o contexto no qual este assentamento foi criado.

Após o colapso da Era do Bronze (MONZANI, 2013), as comunidades mediterrânicas restabeleceram as suas redes de conexão paulatinamente. O Egito, especificamente, a partir de meados do século VII AEC, estava em processo de reorganização político-administrativa. Após décadas de diferentes dominações estrangeiras, que ocasionaram crises internas, os egípcios foram submetidos ao Império Assírio. A reorganização do reino se deu sob a liderança de Psamético I, faraó responsável por expulsar os assírios do Egito e, assim, unificá-lo (FUNARI, 2010, p. 16).

O faraó contratou mercenários gregos da Jônia e da Cária que, àquela época, saqueavam regiões costeiras prósperas, a fim de obter reforços contra as forças assírias. Após a unificação, Psamético definiu Sais, cidade no Delta do Nilo, como a nova capital do reino. Além de ter iniciado um movimento posteriormente denominado de renascimento cultural egípcio, essa dinastia promoveu grandes investimentos no comércio com outras comunidades do Mediterrâneo, e como consequências diretas desses investimentos podem ser citados o entreposto comercial de Dafne e o assentamento de Náucratis (FUNARI, 2010, p. 16).

Dentro desse contexto, após o sucesso da aliança formada com os gregos, Psamético I lhes concedeu terras no Delta do Nilo para que pudessem se estabelecer. Estudiosos de Náucratis ainda discutem a probabilidade da existência de uma cidade egípcia na região antes da concessão. Para o historiador francês Alain Bresson, em um primeiro momento, os gregos teriam convivido lado a lado com os egípcios, dividindo com estes uma cidade preexistente (BRESSON, 1980, p. 294). Uma vez assentados no Delta, os gregos teriam erigido um templo em honra a Apolo Milésio, o primeiro de

seus santuários no Egito. Desse momento em diante, as atividades comerciais passaram a ser centrais na região, dada a sua localização estratégica próxima ao Mediterrâneo.

Os faraós que sucederam a Psamético continuaram a mobilizar e integrar mercenários gregos às forças egípcias.³⁴⁴ Durante o reinado de Apriés (589–570 AEC), contudo, essa integração teria ocasionado conflitos; uma vez que os soldados egípcios sentiam-se preteridos com relação aos estrangeiros. Essa desconfiança para com os gregos levou os soldados nativos, liderados pelo general Amásis, a uma revolta contra o faraó. Após Apriés ser derrotado, o seu antigo general, sob a alcunha de Amásis II, passou a governar o Egito. Durante seu reinado (570–526 AEC), este faraó reorganizou Náucratis e estabeleceu o local enquanto um domínio grego (AGUT-LABORDÈRE, 2012, p. 359–360), concedeu permissão para que novos santuários e templos fossem construídos e tornou o empório uma parada obrigatória para todos os que fossem comercializar seus produtos no Egito (Heródoto, II, 179). Entre os novos recintos de culto erigidos, estava o santuário Helênion, construído por nove pólis jônicas; Quíos, Téos, Foceia, Clazômenas, Rodes, Cnido, Halicarnasso, Fasélis e Mítilene. Este recinto sagrado se tornou o centro administrativo de Náucratis.

A reorganização do local pode ser explicada por muitos fatores, um destes seria o interesse de Amásis em obter um controle maior do comércio estrangeiro no Egito (VILLING, 2015, p. 08). Esse controle se desdobrou em um modelo singular de administração do empório, no qual os gregos geriam parcialmente os negócios do assentamento. Segundo Heródoto, o gerenciamento de Náucratis era responsabilidade dos dirigentes do empório (προστάται τοῦ ἐμπορίου; *prostátai tou emporiou*), estes eram eleitos pelas nove cidades fundadoras do Helênion (Heródoto, II, 178). Esses dirigentes eram responsáveis por negociar com os representantes do poder local, o que significa dizer que os *prostátai* não tinham um papel autônomo em Náucratis (GRAS, 2018, p. 31). Amásis teria estabelecido uma taxa específica sobre todos os produtos comercializados no empório, estando os seus oficiais na região responsáveis pela cobrança das taxas previstas pelo faraó (AGUT-LABORDÈRE, 2012, p. 362).

344 De acordo com Alexandra Villing na introdução ao catálogo de pesquisa online sobre Náucratis (2013). Disponível em: https://webarchive.nationalarchives.gov.uk/ukgwa/20190801114015/https://www.britishmuseum.org/research/online_research_catalogues/ng/naukratis_greeks_in_egypt/introduction.aspx. Acesso em 26 de abril de 2024.

No decorrer de sua existência, a comunidade dos naucratitas se fortaleceu e se tornou um dos principais portos comerciais do Egito e, mesmo após a fundação de Alexandria no século IV AEC, Náucratis manteve uma importância no nível regional até o início do período bizantino (VILLING, 2013).³⁴⁵ O declínio total da cidade ou quando esta deixou de ser habitada, ainda não foi definido com exatidão pelos pesquisadores, no entanto, sabe-se que o abandono da região levou à perda da informação de sua localização exata.

Como de praxe nos estudos sobre a Antiguidade, antes do desenvolvimento pleno da Arqueologia, as únicas fontes de acesso à experiência histórica naucratita eram as obras dos literatos antigos. No caso deste empório, as fontes literárias mais tradicionais foram o livro II das *Histórias* de Heródoto, nos capítulos 97, 178 e 179 e o livro XVII da *Geografia* de Estrabão, no capítulo I, seções 18 e 23. Ainda que existam outras pequenas menções à Náucratis em diversas obras antigas³⁴⁶, esses dois autores foram tradicionalmente os mais evocados e seus testemunhos fundamentaram, durante muito tempo, os principais debates sobre a região.

Este breve artigo apresenta sucintamente os resultados iniciais da pesquisa intitulada *História Intelectual sobre o santuário Helênion em Náucratis entre os séculos XVIII e XXI*. Os resultados aqui expostos serão mais bem detalhados no primeiro capítulo da referida pesquisa. O intuito deste artigo, dada suas limitações, não é encerrar o assunto, mas apresentar os debates acerca de Náucratis e explorar as principais obras, sobretudo arqueológicas, produzidas sobre este empório desde meados do século XVIII; passando pela descoberta de seu sítio no século XIX, e concluindo a revisão com o recente projeto de escavação idealizado pelo Museu Britânico entre 2004 e 2023.

Neste estudo, optou-se por uma divisão da produção de conhecimento sobre Náucratis em três fases: fase I, obras publicadas antes da localização do sítio arqueológico entre 1750–1845; fase II, obras publicadas a partir da descoberta da localização do sítio entre 1885–1905 e, por fim, a fase III, que se inicia com as novas escavações arqueológicas a partir da década de 1970 e se estende até os dias atuais. Buscou-se evidenciar as transformações nos discursos relacionados às interações entre gregos e egípcios, bem como sobre as influências que estes teriam exercido uns sobre os outros quando de seu

³⁴⁵ *idem*.

³⁴⁶ Segundo Marion Smith, ao todo, existem 23 citações sobre o empório de Náucratis em obras literárias greco-latinas, desde o século VI AEC até o século IV EC; de Sólon (Bergk, Fr. 28) a São Jerônimo (Eusebius, ed. Schöne, II . 81) (SMITH, 1926, p. 184-205).

contato na região de Náucratis. Tais transformações foram abordadas considerando os contextos político-ideológicos dentro dos quais as obras-fonte foram desenvolvidas.

Fase I: o conhecimento sobre Náucratis publicado antes da localização de seu sítio arqueológico (1750–1845)

O interesse europeu pelo norte do continente africano

A partir da obra de Heródoto e Estrabão, Náucratis foi inserida nos círculos da produção intelectual europeia. Contudo, entre esses intelectuais, há de se destacar o predomínio de autores franceses e britânicos. Esta situação reflete o interesse que, desde meados do século XVIII, as duas potências imperialistas tinham no norte do continente africano. Esta região estratégica foi objeto de reflexão de diferentes eruditos que a dissociaram, sobretudo o Egito, do restante do continente, a associando à experiência histórica asiática ou europeia (HEGEL, 1995, p. 83). As presenças grega e romana no norte do continente africano serviram como um reforço para sua reivindicação enquanto parte da História Universal e, no caso específico do Egito, à apropriação de sua história como parte do desenvolvimento da civilização Ocidental (LANGER, 2021, p. 243).

A apropriação da experiência histórica egípcia pelos intelectuais alemães, franceses e britânicos se fortaleceu com o desenvolvimento da Egiptologia, ciência que foi “[...] parte da matriz colonial de poder desde seus primórdios”, e serviu “tanto como meio quanto como alvo da política ocidental no Oriente Médio” (LANGER, 2021, p. 246). A Egiptologia era justificada a partir de dois fundamentos: i) a possibilidade de se lançar luz sobre os textos bíblicos do Antigo Testamento e ii) a possibilidade de se construir um conhecimento universal; durante o desenvolvimento da disciplina os egípcios antigos passaram a ser considerados “ocidentais honorários”, influenciadores distantes dos antigos gregos e romanos (REID, 1985, p. 234). Um momento decisivo para o desenvolvimento dessa ciência foi a expedição de Napoleão Bonaparte ao Egito em 1798. Na ocasião, mais de 160 pesquisadores franceses exploraram o país, do Baixo ao Alto Egito, e produziram uma extensa coleção sobre a história, geografia, arquitetura, arte e religião da Antiguidade Egípcia. Tal coleção, intitulada *Descrição do Egito (Description de l'Égypte)* foi publicada entre 1809–1822. Ainda que desde meados do século XIX alguns egípcios tenham demonstrado interesse em estudar Egiptologia, era comum um esforço sistêmico para frustrar muitas das tentativas destes em construir carreiras na área, uma vez que importantes instituições, como o Serviço de Antiguidades do Egito, estava sob a direção de europeus

(REID, 1985, p. 234–235). Essa política garantiu a hegemonia europeia na produção de conhecimento sobre a Antiguidade egípcia.

O conhecimento que passou a ser construído sobre o Egito, assim, desenvolveu-se em um momento de grandes disputas entre as potências europeias. Havia uma forte rivalidade entre os cônsules britânicos e franceses e os termos nos quais buscavam resolver tal conflito estavam relacionados às quantidades de artefatos e monumentos que conseguiam apreender e transportar para os museus de seus respectivos países: quem conseguisse mais teria um *status* maior (REID, 1985, p. 234). Assim, muitas obras começaram a ser produzidas sobre o Egito Antigo, desde mapas até livros mais gerais sobre a sua Antiguidade. As obras sobre Náucratis, no entanto, demoraram um pouco para aparecer, o que não significa um desinteresse total pelo empório, apenas uma circunscrição deste ao contexto mais amplo do Delta. A presença do assentamento em muitos mapas que representavam o Delta Antigo, bem como em obras que tratavam da geografia da Antiguidade, evidenciam que desde o século XVIII Náucratis já era compreendida enquanto um singular elemento da história grega no Egito.

O debate sobre a localização do empório no Delta

Os intelectuais desta primeira fase discutiram com afinco a localização do sítio de Náucratis, isso porque, como já mencionado, após o seu declínio, a sua localização exata foi perdida. Essa discussão, por aproximadamente um século, esteve no centro da produção de conhecimento sobre o empório. Tanto Heródoto quanto Estrabão situavam Náucratis no braço canópico do Nilo, indicação referenciada também por outras fontes antigas (SMITH, 1926, p. 124). Contudo, pelas descrições de Heródoto, compreende-se que Náucratis estava à margem oeste do braço canópico:

Antigamente, Náucratis era o único local de comércio marítimo do Egito. Se alguém chegasse a qualquer outra das embocaduras do Nilo, era preciso que fizesse o juramento de que não viera voluntariamente para lá e, depois de ter feito o seu juramento navegava em sua própria embarcação em direção à embocadura Canópica; ou, se não fosse possível navegar por ela por causa dos ventos contrários, as mercadorias deveriam ser transferidas para as barcas egípcias, passando em torno do Delta, até onde se alcançasse a cidade de Náucratis (*Histórias*, II, 179).³⁴⁷

Estrabão, por sua vez, indicava a margem leste (CUEVA, 1994, p. 29).

³⁴⁷ As traduções de Heródoto são de Maria Aparecida de Oliveira Silva.

[...] À esquerda do Delta, sobre o rio, está Náucratis. À distância de dois *sabani* do rio fica Sais, e um pouco acima dele o asilo de Osíris, onde se diz que este deus está enterrado (*Geografia*, XVII, I, p. 803).³⁴⁸

Ainda que a discordância entre os autores tenha sido um elemento suscitador do debate, esta não deve ser compreendida enquanto a causa central da dificuldade de se localizar o sítio. Entre os vários fatores que agravaram tal dificuldade, pode-se citar que muitas das referências topográficas do Antigo Delta, principalmente aquelas utilizadas nas *Histórias* e na *Geografia*, deixaram de ser significativas para estes fins. Isto porque ao longo do tempo, a foz do Nilo sofreu inúmeras transformações em sua paisagem. Dessas mudanças a mais significativas foi a extinção dos antigos braços do rio, incluindo o canópico que teria sido coberto com areia ainda durante a Antiguidade (BERGMANN; HEINZELMANN, 2003, p. 02; CUEVA, 1994, p. 23).

Assim, quando precisavam estudar o Delta Antigo, os autores desta primeira fase se depararam com tal incógnita e, para solucioná-la, elaboraram diferentes hipóteses sobre as localidades que poderiam, por um motivo ou outro, ser o sítio de Náucratis. Essas produções podem ser organizadas em três categorias: i) estudos cartográficos modernos, ii) traduções de Heródoto e Estrabão para as línguas vernáculas europeias e iii) obras dedicadas ao estudo da geografia da Antiguidade. Ainda que separadas em categorias distintas, em alguns casos, os autores dessas obras citam-se mutuamente. Abaixo, um recorte do mapa Egito (*Egypt*, 1832) de John Arrowsmith. Em destaque algumas das localidades propostas como a localização do sítio de Náucratis, entre elas, Sa el-Hagar, San, El-Nebire, Desouk, Rahmânyeh e Damanhour.

³⁴⁸ Tradução livre a partir da tradução francesa de Jean-Antoine Letronne.

Mapa: “O Delta do Nilo”



ARROWSMITH, John. *Egypt*, 1832 [recorte e destaques nossos]. Disponível em:

https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:1830s_maps_of_Egypt#/media/File:Egypt_1832.jpg. Acesso em:

29/04/2024

Os primeiros registros cartográficos modernos acerca de Náucratis datam da década de 1750. O primeiro destes, do cartógrafo holandês-alemão Andreas Cellarius, autor do atlas estelar *Harmonia Macrocosmica*, deu origem a *Um mapa do Egito Antigo* (*A Map of Ancient Aegypt*), de 1750, onde o autor situa Náucratis a oeste do braço canópico do Nilo. O segundo, também de 1750, era de autoria de Christoph Cellarius, historiador alemão, autor de *Historia Universalis*. No mapa *O Delta do Egito e a Foz do Nilo* (*Aegypt Delta et Nili Ostia*), ele definiu o empório a leste do braço bolbitínico.

O padre francês Claude Sicard, supervisor da missão jesuíta no Cairo, reconhecido por ser um dos primeiros europeus modernos a visitar o Egito, produziu um mapa do país e o publicou em 1717. Em 1753, seu mapa foi adaptado pelo cartógrafo, também francês, Gilles Robert de Vaugondy, autor

do *Atlas Universal* (1757). O resultado de tal adaptação deu origem ao *Mapa do Egito Antigo e Moderno* (*Carte de l'Égypte ancienne et moderne*), onde se apontou que as ruínas de Náucratis estariam na região de *Sumkbrat*, ao norte do Delta (CUEVA, 1994, p. 27). Em discordância com Sicard, o geógrafo e cartógrafo francês Jean-Baptiste D'Anville, afirmou a impossibilidade do sítio de Náucratis estar em *Sumkbrat*. Em sua obra *Memórias sobre o Egito Antigo e Moderno*, (*Mémoires sur L'Égypte Ancienne et Moderne*, 1766), defendeu que o empório estaria situado na porção oriental do Delta, à margem leste do rio. O autor, assim, associou a região de San como a localização do sítio de Náucratis. (D'ANVILLE, 1766, p. 79–80). D'Anville produziu posteriormente, em 1794, o mapa *Egito Antigo* (*Aegyptus Antiqua*), em que fica mais clara a sua hipótese para a localização do empório e das demais cidades do Antigo Delta.

Por sua vez, o geógrafo britânico, Major James Rennell, defendeu que as ruínas estariam em uma região conhecida como Sa el-Hagar. O autor chegou a tal conclusão em *O sistema Geográfico de Heródoto* (*The Geographical System of Herodotus*, 1799), em um trecho do capítulo XIX, intitulado *Braços do Nilo* (*Branches of the Nile*). Neste capítulo, Rennell estabeleceu um diálogo com outros autores modernos, entre eles D'Anville, a fim de cruzar as informações sobre os sítios já localizados que tradicionalmente sabiam-se estarem próximos ao empório.

Outra hipótese foi acrescentada ao debate em 1818. Com a publicação do segundo tomo de um dos volumes da *Descrição do Egito*, os pesquisadores da missão francesa Jean-Baptiste Prosper Jollois e Jean-Marie Du Bois-Aymé procuraram por Náucratis no extremo norte do Delta, próximo de Rahmânreh. Após o fracasso da empreitada, concluíram que as ruínas da cidade teriam sido engolidas pelo Nilo, uma vez que, segundo Estrabão, Náucratis se localizava próximo à beira do rio (JOLLOIS; BOIS-AYMÉ, 1818, p. 08).

O arqueólogo francês Jean-Antoine Letronne, em contrapartida, acreditava que as ruínas do empório ainda existiam e defendia sua localização aos arredores da vila de El-Niqrash. A proposição foi feita em uma nota de rodapé de sua tradução para *Geografia*, publicada em 1819. Um dos argumentos utilizados pelo autor foi a semelhança entre os nomes El-Niqrash e Náucratis; o estudo dessa semelhança era um método linguístico fundamentado em uma comparação entre topônimos modernos e antigos. Segundo a historiadora Maria Sevilla Cueva, esse procedimento era utilizado por muitos pesquisadores na expectativa de encontrar indícios que os ajudassem a especificar hipóteses sobre a posição geográfica de determinados sítios (CUEVA, 1994, p. 27). Posteriormente, a hipótese de Letronne se mostrou correta e o arqueólogo foi o primeiro a definir de maneira assertiva a localização

do sítio de Náucratis. Contudo, o reconhecimento dessa localização oficial só ocorreu em 1884, quando da expedição de William Matthew Flinders Petrie pelo Delta.

O único pesquisador não europeu presente no debate desta primeira fase, o egípcio Mahmoud El-Falak, indicou Damanhour como possível sítio. No capítulo XXX de sua obra *Memória sobre a Antiga Alexandria (Mémoire sur l'Antique Alexandrie, 1872)*, El-Falak afirmou que somente nesta região do Delta foram encontradas ruínas suficientemente grandes para serem atribuídas à Náucratis (EL-FALAK, 1872, p. 82). Assim como Letronne, El-Falak complementa sua proposição a afirmar que uma das vilas, próximas à referida região, tinha por nome “*Naucraba*”. Isto importava porque, segundo o autor, em árabe, a letra “t” se pronuncia, no final das palavras, como um “h” aspirado. Logo, “*Naucraba*” seria uma corruptela de “*Naucrat*” (EL-FALAK, 1872, p. 82).

Náucratis como tema central de estudo: o artigo de Silk Buckingham (1845)

Essas obras, como mencionado, não tinham Náucratis como objeto central de reflexão. O primeiro estudo desse tipo foi publicado apenas em 1845, pelo jornalista britânico James Silk Buckingham. Próspero comerciante marítimo, ele viajou ao Egito entre 1813 e 1814, após ter um empreendimento frustrado em Malta. Sua chegada ao Egito tinha por objetivo estabelecer relações comerciais com o Paxá Mohamed Ali que recém havia chegado ao poder. Tendo governado entre 1805-1848, Ali se tornou reconhecido por seu projeto político de modernização do país, cujo objetivo consistia na abertura do Egito ao Ocidente. Esse anseio levou o líder egípcio a estabelecer diferentes acordos com a Grã-Bretanha e a França. O estudo de Silk Buckingham, intitulado *Uma visita às ruínas de Náucratis e ao sítio de Saïs (A visit to the ruins of Naucratis and to the site of Saïs)*, foi publicado no volume I da revista *Papers Read Before The Syro-Egyptian Society of London*.

O estudo de Buckingham dificilmente se enquadra nos moldes tidos por científico nos dias atuais. O artigo é um registro da passagem do autor por Sa el-Hagar e tem por objetivo refletir acerca das condições das ruínas do antigo empório. Silk Buckingham não propõe uma localização, assim como fizeram os pesquisadores que o antecederam. Pelo contrário, sua identificação de Sa el-Hagar é fundamentada em James Rennell. Para Buckingham, a argumentação de Rennell era suficiente e não carecia de acréscimos (BUCKINGHAM, 1845, p. 64).

O relato sobre Náucratis pode ser dividido em duas partes. Na primeira, é explorada a questão da localização do empório. Além da argumentação já citada de Rennell, o autor enfatiza a existência de

ruínas na região e as associa a reminiscências da Antiga Náucratis. A existência desses vestígios é evocada quando da citação de um trecho da obra *Viagem para Arábia e outros países vizinhos* (*Voyage en Arabie et en d'autres pays circonvoisins, 1776*), do alemão Carsten Niebuhr. Este viajou para Sa el-Hagar em meados do século XVIII e, mesmo não tendo associado a região a nenhuma cidade da Antiguidade, destacou os vestígios arquitetônicos presentes no local. Para Buckingham, os argumentos de Rennell e a existência das ruínas eram elementos essenciais para o reconhecimento da região como Náucratis. Na segunda parte, o autor trata de alguns “[...] fatos ilustrativos sobre a sociedade do baixo Egito” (BUCKINGHAM, 1845, p. 66). Tais fatos, no entanto, são apenas algumas anedotas, sobretudo narradas por Heródoto e Estrabão sobre Rodopis, a cortesã de Náucratis, e outros personagens famosos do empório. Nestes relatos, a relação entre gregos e egípcios não é explorada contundentemente, sendo perceptível, sutilmente, relações amigáveis e a possibilidade de casamentos pontuais entre os dois povos, como no caso, citado por Heródoto, do Faraó Amásis II e Ladice, princesa de Cirene (Histórias, II, 181).

Buckingham demonstra pouco interesse no contexto moderno da região que visitou e, ainda que hoje esteja claro que o jornalista não esteve no sítio de Náucratis, no decorrer de sua obra é notável uma idealização do que teria sido o empório. O autor lamenta a realidade que encontrou no local, bem distante daquela que havia lido nos livros, realidade esta

[...] sem o esplendor e a elegância que devem ter marcado os entretenimentos de uma cidade cujas mulheres eram conhecidas em todo o mundo por sua beleza, cujos templos esplêndidos, obeliscos e estátuas dedicados ao culto da deusa helênica [Afrodite?] devem ter aumentado, por seus atrativos, o número de seus devotos [...] (BUCKINGHAM, 1845, p. 68).³⁴⁹

Durante essa primeira fase de produção de conhecimento sobre Náucratis, foram observadas muitas obras que exploraram o empório em estudos sobre o Egito ou do Delta do Nilo. Um dos resultados das limitações abordadas anteriormente, inerentes a esta fase, é um conhecimento incipiente, fundamentado apenas em um conjunto limitado de informações que a tradição literária legou à posteridade. As discussões em torno da localização relegaram a um segundo plano discussões importantes como as relacionadas ao estatuto do empório, suas atividades comerciais e econômicas e as relações entre gregos e não-gregos. Até mesmo Buckingham, que se destaca como primeiro autor a colocar Náucratis no centro de sua reflexão, não foi muito além disso, expondo apenas algumas anedotas que apontavam para o caráter cosmopolita do empório e, em contrapartida, para a decadência

³⁴⁹ As obras-fontes citadas diretamente foram traduzidas livremente a partir dos originais.

moderna do local. Durante a fase seguinte, a partir da descoberta da localização do sítio, o conjunto do conhecimento sobre Náucratis foi aprofundado em vários níveis, o que possibilitou uma ampliação dos temas debatidos acerca do empório.

Fase II: a produção do conhecimento sobre Náucratis a partir da localização de seu sítio e das explorações arqueológicas subsequentes (1885–1926)

O que o Delta do Egito tinha a oferecer?

Se a primeira fase foi marcada pela expedição napoleônica enquanto um evento singular para se compreender o avanço imperialista sobre o Egito, a segunda foi marcada pelo avanço britânico no país. A partir de 1882, este império passou a ocupar o Egito, dominando-o política e culturalmente. Essa hegemonia conquistada refletiu sobre a produção intelectual e acadêmica sobre o Delta e, mais especificamente, sobre Náucratis, uma vez que até os dias atuais, as instituições britânicas são as principais produtoras de conhecimento sobre o empório.

As escavações que garantiram a descoberta do sítio arqueológico só foram possíveis graças ao fomento da *Egypt Exploration Fund (EEF)*³⁵⁰, uma organização britânica cujos financiamentos eram oriundos de universidades, museus e de membros ilustres das sociedades britânica e estadunidense. Instituições como esta surgiram por toda a Europa no decorrer do século XIX e, majoritariamente, dedicaram-se ao estudo do Oriente. O objetivo da organização era explorar, pesquisar e escavar no Delta do Nilo. Além disso, almejavam proteger o patrimônio que julgavam estar em perigo de desaparecimento por conta da ação de turistas e moradores locais. Após muita negociação entre os idealizadores da *EEF* — a saber Reginald Stuart Poole, chefe do departamento de moedas e medalhas do Museu Britânico e a romancista e egiptófila Amelia Edwards — e o diretor do Serviço de Antiguidades; primeiro Auguste Mariette e depois Gaston Maspero, a *EEF* obteve autorização para escavar no Delta. Náucratis já aparecia, ao lado do sítio de Gósen, como uma das grandes descobertas almejadas pela organização. Em um artigo publicado na revista *The Academy*,³⁵¹ lê-se o seguinte sobre objetivos e meios que guiavam os interesses da *EEF*:

³⁵⁰ Atual Egypt Exploration Society (EES).

³⁵¹ *The Academy* foi um periódico britânico que abordou Literatura, Arte e Ciência. Fundado em 1862 perdurou até meados de 1916. Amelia Edwards, Edouard Naville e Reginald Stuart Poole publicaram artigos regularmente no periódico. A partir da biografia de Flinders Petrie, escrita por Margaret Drower, foi possível notar que o egiptólogo era um leitor assíduo de tal revista.

Para examinar estes locais [sítios arqueológicos no Delta], será necessário, em primeiro lugar, angariar uma soma de dinheiro para fazer uma exploração experimental. Se esta soma for suficiente, os dois sítios, Gósen e Náucratis, poderiam ser escavados simultaneamente; caso contrário, Gósen teria preferência (*THE ACADEMY*, 1882, p. 517).

Não é de se espantar a escolha de Gósen e de Náucratis enquanto objetivos primordiais das escavações na região. Isto porque Gósen é apontada pelos textos bíblicos, a partir de *Gênesis* (46,37), como a cidade na qual os hebreus viveram durante o seu cativeiro no Egito. Ambos os locais eram importantes porque evocavam tanto a sociedade compreendida enquanto fundadora da tradição política e intelectual do Ocidente quanto a tradição espiritual hebraica que, em certa medida, era cara ao cristianismo europeu. Durante esta segunda fase, a partir de meados do século XIX, o modelo explicativo que defendia uma origem oriental para a sociedade grega, foi deixado de lado por muitos estudiosos da Antiguidade.

Na conjuntura histórica do século XIX, enquanto as potências europeias expandiam sua economia industrial para outros continentes, se tornou imprescindível um arcabouço teórico que justificasse suas ações imperialistas. Essa necessidade refletiu nas interpretações dos eruditos sobre a Antiguidade. Ao se voltarem para esta em busca de uma origem dos antigos gregos, estes pesquisadores passaram a refutar o “Modelo Antigo”, que, presente em muitos autores da Antiguidade, defendia uma origem oriental dos gregos. Logo, por não suprir mais as demandas ideológicas do século XIX, esse modelo teria sido rejeitado (BERNAL, 2005, p.25). O modelo pensado para substituí-lo foi denominado de Ariano e tinha por principal característica atribuir tal origem a uma série de invasões de povos oriundos do norte, falantes de idiomas do tronco linguístico indo-europeu. Estes teriam subjugado os autóctones da região e, mesmo tendo sido influenciados linguisticamente por estes, os teriam dominado e se apropriado do local (BERNAL, 2005, p.14).

A ideia de uma subjugação cultural de um povo ante o outro, quando do contato entre estes, foi fortalecida pelas discussões em torno do conceito de “aculturação”. Este conceito foi fundamentado em dois preceitos; o primeiro defendia que as sociedades tendem à homogeneização, o segundo que tal integração ocorreria quando uma sociedade inferior aceitava, de bom grado, a cultura de uma sociedade superior (BIAZOTTO, 2014, p. 158). Essa ideia teria, segundo Thiago Biazotto, influenciado o historiador alemão Johann Gustav Droysen quando da criação do conceito de Helenização (BIAZOTTO, 2014, p. 158). Neste contexto histórico de mudanças de paradigmas, um dos arqueólogos contratados pela EEF, o britânico William Matthew Flinders Petrie, encontrou tanto

o sítio arqueológico de Náucratis quanto provas epigráficas inéditas que confirmaram a identidade do local.

As primeiras escavações: os trabalhos de Petrie-Gardner (1885–1887)

Flinders Petrie foi um importante arqueólogo do século XIX, a ele atribuem o título de “pai da arqueologia científica”, por conta de suas contribuições para o desenvolvimento técnico da área (SHEPPARD, 2010, p.16). Foi o primeiro a ocupar uma cátedra de Egíptologia na Inglaterra e seus estudos sobre a Antiguidade egípcia foram altamente influentes. Pesquisas atuais apontam que desde 1883, Petrie esteve próximo do movimento eugenista, mantendo relações amigáveis com Francis Galton e Karl Pearson, dois nomes de grande influência em tal movimento (SHEPPARD, 2010, p.18). Em dezembro de 1883, Petrie estava no Egito realizando algumas expedições de reconhecimento em diferentes regiões do Delta. Em um dado momento, um egípcio que comercializava ilegalmente artefatos antigos o abordou e lhe ofereceu uma pequena figura em alabastro. Petrie identificou a peça como uma representação de um guerreiro cário e ficou intrigado com a origem do artefato (DROWER, 1995, p. 72).

Após analisar a peça e identificá-la como grega, pediu ao comerciante que lhe indicasse o local onde a figura havia sido encontrada. Pouco tempo depois, em janeiro de 1884, Petrie realizou uma missão de reconhecimento na região indicada, *El-Nibeira*, próxima da vila de *El-Nigrash*. Ao chegar, o arqueólogo notou que o chão do terreno estava coberto por fragmentos de cerâmica antiga. Essa situação era uma consequência da ação dos *sebakhins*, camponeses que escavavam na região à procura de *sebakh*, uma terra oriunda de tijolos de barro decompostos que tornava o solo rico em diferentes minerais, geralmente utilizada como fertilizante agrícola; a busca por *sebakh* mobilizou muitos moradores locais durante décadas (CUEVA, 1994, p. 30). Durante o processo de escavação, os *sebakhins* encontravam artefatos arqueológicos e os descartavam deliberadamente sobre o terreno.

Ao analisar a quantidade de cerâmica espalhada pelo local, Flinders Petrie teve certeza de que havia chegado ao sítio de uma importante cidade grega antiga. Contudo, a confirmação veio somente quando, ao se hospedar em uma casa aos arredores da região, encontrou uma inscrição que estava “[...] em uma pedra cinza quebrada que servia como pivô da porta [...]” (DROWER, 1995, p. 88). “Eu quase pulei quando li: a cidade dos naucratitas”, [*Η ΠΟΛΙΣ Η ΝΑΥΚΡΑΤΙΣ*; *he polis he Naucratis*],³⁵² “[...] Então,

³⁵² Tradução adaptada da proposição de Maria Sevilla Cueva “*la ciudad de los naucratitas*” (CUEVA, 1994, p. 28).

aqui está Náucratis!” (PETRIE, 1884–1885, p. 30). A presença de tal pedra na casa alugada por Petrie refletia um costume dos moradores locais. Segundo o pesquisador egípcio Zaki Ali, as casas e mesquitas das aldeias vizinhas ao sítio arqueológico foram construídas a partir de vestígios da antiga Náucratis, tais como colunas, blocos de pedra e arquivadas. Alguns destes, inclusive, como na mesquita da vila de El-Nebire, continham inscrições em grego antigo (ALI, 1948, p. 76 *apud* CUEVA, 1994, p. 35).

A descoberta de Flinders Petrie encerrou o longo debate que havia marcado a primeira fase. No início das escavações, Petrie precisou lidar com as escavações paralelas dos *sebakhins*. Ele, então, acordou com esses trabalhadores locais que levassem para ele cada uma das peças que encontrassem em suas escavações e, assim, receberiam um valor por cada achado. Este método de escavação contraditório foi replicado pelos demais arqueólogos dessa fase (HOGARTH, 1899, p. 27).

Os resultados dos primeiros meses de exploração do sítio deram origem à *Náucratis pt. I* (*Naukratis pt.I*), uma obra que forneceu um panorama abrangente do trabalho de Flinders Petrie à frente do projeto. Ao todo, o registro é composto por doze capítulos e possui 45 pranchetas contendo desenhos detalhados de diferentes vestígios (fragmentos de vasos e de estatuetas) e algumas fotografias de objetos, majoritariamente gregos, além de um mapa com um plano geral da cidade.

A obra *Naukratis part. I*, apresentou o empório tanto à comunidade acadêmica quanto aos demais interessados na Antiguidade. Enquanto esteve à frente das escavações, Flinders Petrie descobriu três santuários: o de Apolo, o Grande Santuário — identificado por ele como Helênion —, e o Santuário dos Dióscuros. Este último não havia sido citado em nenhuma das fontes literárias conhecidas (GARDNER, 1888, p. 09). Em seus meses à frente das escavações, Petrie concentrou seus esforços na descoberta de recintos religiosos gregos e de artefatos com determinadas características estéticas compreendidas por ele enquanto traços primitivos da arte grega (PETRIE, 1886, p. vi; GARDNER, 1888, p. 49). Essa primeira obra, é pouco evidente sobre os detalhes das escavações e os demais trâmites necessários que as envolviam, além de omitir como o arqueólogo chegou ao sítio.

O pontapé inicial dado por Petrie e pela EEF garantiu outras três escavações importantes entre o fim do século XIX e início do XX: uma liderada por Ernest Arthur Gardner entre 1885-1886, também sob os auspícios da EEF e as outras duas por David George Hogarth que esteve no sítio em 1899 e depois em 1903 sob o patrocínio da Escola Britânica de Atenas e do *Craven Fund* da *Universidade de Oxford*, respectivamente.

Quando Flinders Petrie decidiu deixar a EEF a fim de explorar outras regiões, escolheu Ernest Arthur Gardner, que havia integrado sua equipe nas primeiras temporadas de escavação, como seu substituto. Gardner formou-se Bacharel em Artes, com especialização em Estudos Clássicos, pela *Universidade de Cambridge* em 1880. Em 1886 entrou para a *Escola Britânica de Atenas* e, em 1887, tornou-se diretor desta instituição. Flinders Petrie acompanhou o início dos trabalhos de Gardner e o orientou com relação ao desenvolvimento de seus trabalhos (GARDNER, 1888, p. 10). Assim, em 1888, foi publicado *Náucratis pt. II (Naukratis pt. II)*. Esta obra tem o mérito de ser muito mais elucidativa do que sua antecessora. Isto porque contextualiza os objetivos dos trabalhos empreendidos, expõe mais detalhes sobre a equipe que auxiliava nas escavações e fornece um bom panorama sobre os trâmites e o transporte dos artefatos escavados.

Durante as escavações, foi encontrado um santuário que Gardner associou à Hera e um templo de Afrodite, além de um cemitério nas redondezas do sítio (GARDNER, 1888, p.11). Com relação ao Grande Santuário, nada foi acrescentado e Gardner continuou a sustentar a hipótese de Flinders Petrie sobre a identidade desse recinto religioso. Outro aspecto relevante apresentado na obra traz as discussões que evidenciam a burocracia e as negociações entre as autoridades egípcias e Gardner quanto aos artefatos que deveriam permanecer no país sob os cuidados do *Museu de Bulak*, além das peças que seriam levadas para as universidades e museus europeus. Essas negociações permitiram que muitas caixas contendo fragmentos de cerâmica e estatuetas de diferentes períodos fossem levadas como potenciais objetos de estudo para a Europa (GARDNER, 1888, p. 19).

Há alguns pontos que são importantes de se destacar quanto a essas duas escavações iniciais. Em primeiro lugar, há de se refletir sobre como Náucratis era compreendida pelos arqueólogos e como eram abordadas as relações entre os gregos e os egípcios. O discurso construído em torno do empório evoca um período supostamente primitivo da história grega. Em um artigo da *The Academy*, em 30 de março de 1882, foi afirmado o seguinte:

Náucratis, o empório primitivo no oeste do Delta, promete uma colheita tão ampla para os arqueólogos helênicos quanto Gósen aos estudiosos semitas. O período que ali seria ilustrado é um dos mais interessantes no desenvolvimento da arte grega e, ao mesmo tempo, um dos mais obscuros.

Segundo Megan Daniels, durante o século XIX, o discurso de uma Náucratis primitiva, aprendendo e desenvolvendo-se a partir do contato com a sociedade egípcia, era comum (DANIELS, 2022). A cultura do Egito era encarada como se fosse uma irmã mais velha que teria ensinado para a cultura grega, sua irmã mais nova, tudo o que sabia (VILLING, 2013, p. 11). O enfoque atribuído ao

desenvolvimento da arte grega aponta também para uma tendência comum entre os escavadores desta segunda fase: o interesse quase que restrito a artefatos que possuíssem uma dada estética ou, ainda, inscrições em grego antigo. Isso resultou em um processo de omissão e descarte de vestígios de cerâmica simples ou de demais artefatos de uso doméstico que eram majoritariamente egípcios (VILLING, 2014, p. 07). Além dessa questão relacionada aos artefatos e a problemática na criação dos conjuntos da cultura material naucrática, há também o interesse majoritário dos arqueólogos em encontrar recintos religiosos. Esse interesse levou ao estabelecimento de toda uma tradição nos estudos relacionados a Náucratis, uma vez que o aspecto religioso do empório é o mais explorado até os dias atuais (DEMETRIOU, 2017, p. 49).

As escavações de David Hogarth (1899–1905)

Muitas dessas tendências demonstradas por Petrie e Gardner foram replicadas nos trabalhos posteriores aos deles. No final de 1898, o diretor da *Escola Britânica em Atenas*, David Hogarth, se incumbiu da missão de explorar Náucratis. Hogarth, além de uma carreira acadêmica, exerceu um papel nas forças armadas. Durante a Primeira Grande Guerra serviu na *Divisão de Inteligência Naval Britânica*. A organização que o arqueólogo dirigia financiou, em 1899 — em conjunto com a *Sociedade dos Dilettantes*, o *Museu Fitzwilliam* e o *Museu Ashmolean*, além de doadores privados, como Ernest Gardner — a primeira temporada de Hogarth em Náucratis (VILLING, 2013, p. 14). Dessa empreitada inicial, foi publicado *Escavações em Náucratis (Excavations at Naukratis)*, no *Annual of the British School at Athens*, Vol. 5 de 1888/1889.

Hogarth concentrou seus esforços na região norte do sítio e o maior trunfo de tal decisão foi a localização de um recinto religioso que o autor identificou como o Helênion. Ele fundamentou sua defesa da identidade do recinto em três pontos: i) todas as estruturas identificadas enquanto religiosas, e gregas, haviam sido escavadas na região norte, o que negaria ao Grande Santuário, ao sul, uma origem grega ou sagrada; ii) entre todos os recintos religiosos, este foi o único a apresentar uma variedade de inscrições dedicadas a diferentes deuses gregos, como Afrodite, Apolo, entre outros; iii) foram encontrados também diversos fragmentos com inscrições dedicadas “aos deuses dos gregos” (*τοῖς θεοῖς τοῖς Ἑλλήνων*; *tois theois tois Hellenon*). Para o autor, essas três provas seriam evidências inegáveis da identidade do recinto (HOGARTH, 1899, p. 43-44).

David Hogarth voltou ao sítio em 1903, onde retomou seus trabalhos nas regiões norte e sul. Além da descoberta do Helênion, proposição amplamente aceita, Hogarth estabeleceu duas hipóteses ainda hoje debatidas. Na primeira, afirmou a preexistência de uma cidade egípcia na região antes da fundação de Náucratis; e, na segunda, sugeriu que o empório havia sido dividido em dois grandes setores: ao norte, o setor grego e, ao sul, o egípcio. Tal divisão foi fruto de uma associação entre as regiões do sítio onde haviam sido encontrados mais vestígios gregos e aquela na qual havia predominância de vestígios egípcios (HOGARTH, 1899, p. 43; HOGARTH, 1905, p. 106-107).

A localização do Helênion foi extremamente importante. A partir dela, surgiu a oportunidade de se compreender, assertivamente, as dinâmicas internas do empório, isto porque, como exposto na introdução, este recinto, além de religioso, era também um centro de gerenciamento das atividades comerciais gregas. Outro aspecto presente nos estudos de Hogarth é uma mudança no discurso sobre as relações entre gregos e não-gregos em Náucratis. A divisão de Náucratis em dois quarteirões aponta para uma tendência que, no século XX, atribuiria uma maior independência aos gregos naucratitas ante os egípcios, rompendo com a visão de uma Náucratis primitiva e construindo uma compreensão do empório mais avessa à “mistura cultural” (DANIELS, 2022). Não se trata aqui de atribuir a Hogarth a criação de tal tendência, mas apontar que esta é perceptível de forma embrionária nos estudos deste arqueólogo. Hogarth foi o último acadêmico a explorar o sítio antes da expedição estadunidense na década de 1970.

A segunda fase da construção de conhecimento sobre Náucratis foi marcada pelo interesse britânico sobre o Egito. Um dos pontos principais para se refletir sobre esta fase é a transformação do discurso em torno das relações entre gregos e egípcios. No início, até meados do século XIX, perdurou a compreensão de uma relação de mistura cultural, cujos limites de interação não eram tão restritos. A partir do século XX, foi possível observar uma abordagem que enfatizava as diferenças e separações entre as culturas gregas e egípcias. A fase seguinte é marcada por um distanciamento progressivo dessa percepção, no qual o caráter cosmopolita de Náucratis é resgatado a partir de um viés multiétnico e multicultural.

Fase III: as revisões do conhecimento sobre Náucratis a partir de novas escavações e de novos aportes teórico-metodológicos (1998–atualmente)

A lacuna entre a última escavação da fase II e a primeira da fase III

Como pôde ser observado, a cronologia proposta para as fases deixa evidente uma lacuna entre a segunda, cuja última escavação ocorreu em 1903, e a terceira, inaugurada pela escavação estadunidense do sítio na década de 1970 — com publicação dos resultados apenas em 1998. É importante deixar claro que após as escavações de Hogarth Náucratis continuou a ser estudada, no entanto, as pesquisas deixaram de ser realizadas em campo e voltaram para dentro das bibliotecas (VILLING, 2017, p. 20). Tendo por referência os resultados das primeiras escavações, bem como toda a tradição estabelecida pelas fontes literárias, parte desse período lacunar é composto por obras que discutem os seguintes temas: as práticas religiosas de Náucratis, o conjunto da cerâmica naucrática e sua influência jônica, Náucratis enquanto um capítulo na helenização do Egito e o próprio estatuto de Náucratis — empório ou pólis?

Como explicado na introdução a este estudo, dada a amplitude da bibliografia disponível sobre Náucratis e a limitação de páginas inerente a um artigo, a seleção das obras abordadas aqui se concentrou naquelas de cunho arqueológico. Tais obras estão intrinsecamente ligadas aos trabalhos de campo realizados desde 1884. As demais, por sua vez, serão analisadas no capítulo 01 da pesquisa.

Dito isto, algumas considerações podem ser feitas com relação ao que teria justificado o suposto abandono do sítio arqueológico durante cerca de 70 anos. Como abordado anteriormente, Hogarth tinha convicção de que o sítio já não tinha muito a oferecer, sobretudo por seu desgaste aparente (HOGARTH, 1899, p. 30). Outros autores, como Edith Marion Smith, que publicou uma tese sobre Náucratis em 1926, também atestou esse desgaste do sítio, afirmando que tudo o que havia de interessante já teria sido levado para os museus europeus (SMITH, 1926, p. 123). Uma especificidade do sítio de Náucratis é a ausência de sinais visíveis de ruínas antigas (VILLING, 2015, p. 03), isto pode explicar um consenso provável de que a região, de fato, não tinha mais nada a oferecer arqueologicamente falando.

É importante destacar também que, no contexto político mais amplo, essa lacuna se encontra em um período conturbado das relações entre as potências europeias e dos Estados Unidos; nesse período ocorreram duas grandes guerras, a revolução russa, o processo de independência dos países africanos — incluindo o fim do protetorado britânico sobre o Egito a partir de 1953. Ou seja, durante

este período, uma série de eventos históricos impactaram profundamente as estruturas internacionais, o que pode ter contribuído para esse suposto abandono do sítio.

As escavações da Escola Americana de Pesquisa Oriental (1970-1998)

Até aqui, foram apresentadas três fases da produção de conhecimento sobre Náucratis e, em cada uma delas, foram destacados os avanços e limitações presentes nos discursos sobre a história do empório e as interpretações das relações entre gregos e não gregos que lá ocorriam. Esta terceira e última fase, ao menos por enquanto, abarca uma nova postura dos pesquisadores diante de Náucratis. Durante os anos de 1970, a conjuntura internacional tinha os Estados Unidos da América como o centro de referência político-cultural, ainda no contexto da Guerra Fria, a potência norte-americana buscava estender a sua influência para todos os campos possíveis no espectro político-ideológico. É dentro desse cenário que começam a se organizar novas expedições à Náucratis.

O interesse estadunidense por explorações arqueológicas em regiões orientais, e em seu entorno, não foram uma novidade da década de 1970. Organizações como a *EEF*, fundadas em alguns países europeus, também foram idealizadas na América do Norte. Nos Estados Unidos, por exemplo, destacou-se a *Escola Americana de Pesquisa Oriental (American Schools of Oriental Research; ASOR)*.³⁵³ A *ASOR*, fundada em meados do século XIX, foi uma das primeiras organizações estadunidenses a explorar o Oriente Próximo, tendo sido fundada sob a alcunha de *The American School of Oriental Study and Research in Palestine*. A instituição foi idealizada por 21 universidades e escolas teológicas, sendo sua criação supervisionada pela *Sociedade Americana Oriental (American Oriental Society)*, pelo *Instituto Arqueológico da América (Archeological Institute of America)* e pela *Sociedade de Literatura Bíblica (Society for Biblical Literature)*. E foi sob os auspícios de tal organização que, entre 1970 e 1983, um grupo de arqueólogos retornou ao sítio no Delta, sob a liderança de Albert Leonard Jr. e William Coulson.

Leonard Jr, atualmente professor emérito dos departamentos de Arqueologia Clássica e Estudos do Oriente Próximo da *Universidade do Arizona*, é pesquisador associado do *Museu Semítico de Harvard*. Ao longo de sua carreira especializou-se nos impactos sociais do comércio inter-regional entre as comunidades do Mediterrâneo. William Coulson, falecido em 2001, foi professor de Estudos Clássicos na *Universidade de Minnesota* e diretor da *Escola Americana de Estudos Clássicos em Atenas (American School of Classical Studies at Athens)*. Especializou-se nos estudos da cerâmica messênica da Idade das

³⁵³ Atual American Society of Overseas Research.

Trevas. A dupla de classicistas tinha a missão de revisitar os estudos dos arqueólogos que os antecederam e de ampliar o conhecimento sobre Náucratis. Uma vez compreendidas as limitações dos primeiros escavadores, bem como as lacunas deixadas em suas produções, as obras desta fase se pautaram tanto em uma retomada dos trabalhos de campo, quanto em uma reavaliação dos resultados obtidos durante os anos de Petrie, Gardner e Hogarth.

É importante mencionar que a equipe estadunidense estava sob a influência, antes citada, das dúvidas sobre a possibilidade de Náucratis ser ainda um local fértil para pesquisas arqueológicas. Esta preocupação é apreensível a partir da citação direta de Hogarth que Coulson e Leonard Jr. escolheram para abrir sua primeira obra sobre o empório:

A dificuldade de detectar e seguir paredes de tijolos na argila saturada de Náucratis é muito maior do que observei em qualquer outro lugar, e confirma plenamente as palavras do Sr. Petrie e do Sr. Gardner. . . Utilizamos todos os cuidados possíveis na busca e agora registramos fielmente apenas o que encontramos: não podemos fazer mais (Hogarth, 1899, p. 31 apud Leonard, 1994).

As escavações da equipe estadunidense renderam seis volumes, estes foram marcados pelo interesse de investigar Náucratis além de seus recintos religiosos, bem como de dedicar atenção a outros vestígios que lançassem luz na experiência mercantil do empório (Leonard, 1997, p. 19). O primeiro volume foi intitulado *Antiga Náucratis: escavações em um empório grego no Egito* (*Ancient Naukratis: Excavations at a Greek Emporium in Egypt*). A topografia do sítio havia sofrido alterações drásticas quando a equipe estadunidense chegou no Delta na década de 1970. Desde 1884 era de conhecimento comum que a ação dos *sebakhins* estava criando grandes desnivelamentos na topografia da região e, por conta dos lençóis freáticos e inundações comuns ao local, o sítio se tornou cada vez mais úmido e insalubre (SMITH, 1926, p. 122–124 apud CUEVA, 1994, p. 34). Segundo o pesquisador Zaki Ali, na década de 1940, grande parte do sítio de Náucratis estava debaixo d'água (ALI, 1948, p. 75 apud CUEVA, 1994, p. 34).

A principal das consequências de tais transformações, segundo o que é exposto em *Antiga Náucratis*, é que a região central do sítio, aquela aonde grande parte dos santuários e edifícios foram escavados nos anos da *EEF*, havia se tornado um lago devido às escavações diversas e a umidade do local. Na perspectiva da equipe do projeto Náucratis estadunidense, dado este contexto, seria impossível analisar os locais anteriormente explorados pelos primeiros arqueólogos (LEONARD, 1994, p. 20).

O primeiro volume, *Escavações em Kom Ge'if (The Excavations at Kom Ge'if)*, apresenta um breve panorama de todas as escavações anteriores e discute as lacunas que os primeiros pesquisadores deixaram com relação à história de Náucratis. Tais lacunas seriam, bem como as novas possibilidades tecnológicas, a justificativa para um novo empreendimento na região. Como objetivo final, os pesquisadores desejavam estabelecer um critério cronológico assertivo para o sítio, sendo, assim, possível integrar novos locais explorados àqueles que já eram conhecidos (LEONARD, 1994, p. 20). Como metodologia, enfatizou-se um programa de escavação a partir de princípios estratigráficos modernos. Para Leonard, a falta de uma sequência estratigráfica “verdadeira” teria sido um dos grandes obstáculos para uma compreensão mais apurada do antigo empório (LEONARD, 1994, p. 19).

As principais fontes que Leonard mobiliza são as obras produzidas durante a segunda fase. A partir delas, o arqueólogo tenta localizar algumas indicações topográficas de seus antecessores para guiar suas explorações. Por conta das alterações topográficas mencionadas acima, Leonard relata que circunscreveu suas explorações à região sul, no local que Flinders Petrie teria encontrado o seu Grande Santuário. Como é perceptível, as escavações deste projeto foram bem limitadas no que diz respeito à sua área de cobertura. Para Alexandra Villing (2013), o maior sucesso desta missão teria sido um levantamento mais amplo da cerâmica de períodos diversos, sobretudo os períodos helenístico e romano. Para a pesquisadora do Museu Britânico, os registros fornecidos por Leonard e sua equipe seriam um “recurso valioso” para se desenvolver uma análise comparativa entre o desenvolvimento de Náucratis e o de outras cidades do Delta na Antiguidade (VILLING, 2013, p. 27).

As escavações do Museu Britânico (2004–2023)

O projeto arqueológico mais recente acerca de Náucratis foi idealizado e fomentado pelo Museu Britânico que, desde 1884, detém o maior acervo sobre o empório. Liderado por Alexandra Villing, Aurélia Masson-Berghoff e Ross Thomas, *Náucratis: gregos no Egito (Naukratis: Greeks in Egypt)*, foi um extenso projeto de pesquisa, encabeçado por arqueólogos clássicos e egiptólogos. Se para os arqueólogos estadunidenses o sítio já não teria muito a oferecer, para os arqueólogos britânicos, ainda teria muito com o que contribuir. O objetivo de tal projeto foi evidenciar as diferentes interações e contatos entre os povos do Mediterrâneo a partir das dinâmicas possíveis em um empório como Náucratis. A partir dessa premissa, é notável uma nova forma de se abordar o local, uma abordagem

fundamentada nos dois conceitos apresentados na introdução deste artigo: mundo mediterrânico e redes de conexão.

Em sua primeira fase (2004–2010), o projeto foi focado em uma reavaliação do sítio e de sua cultura material. Em sua segunda fase (2010–2023) o foco se deteve à reunião de todas as evidências disponíveis sobre o empório, a fim de se criar uma visão mais abrangente sobre sua história. Um dos resultados da contribuição de tal pesquisa foi a criação de um catálogo abrangente dos achados ainda existentes, recontextualizando-os a partir dos diários, fotografias e correspondências dos primeiros escavadores (VILLING, 2015). Assim, o projeto se dividiu em três linhas de pesquisa: i) remontagem, estudo e recontextualização dos dados e achados já divulgados; ii) novas escavações e iii) análise de alguns grupos de cultura material a fim de se compreender os padrões de trocas comerciais e culturais.

Uma obra geral que englobe os principais resultados do projeto ainda não foi publicada. Contudo, a partir do catálogo online do Museu Britânico, bem como artigos, capítulos e livros disponíveis online, já é possível vislumbrar alguns dos principais desdobramentos das pesquisas mais recentes sobre Náucratis. Destaca-se o artigo *Um panorama da cultura material de Náucratis (The Material Culture of Naukratis — an overview)*, de Alexandra Villing. No artigo, conclui-se que os métodos dos primeiros arqueólogos acabaram por construir uma imagem distorcida da experiência histórica em Náucratis, isto porque houve uma supervalorização dos vestígios gregos em detrimento de egípcios, fenícios entre outros (VILLING, 2014, p. 02). A questão do negligenciamento dos vestígios não-gregos, — ou gregos que não apresentassem determinadas características estéticas —, apontou para a necessidade de se ampliar os trabalhos de campo a fim de se construir uma imagem mais representativa do que teria sido a experiência naucratita. Isto significa uma valorização maior de seu elemento egípcio e não-grego, sobretudo de períodos históricos antes ignorados (VILLING, 2014, p. 05).

Considerações finais

O projeto arqueológico do Museu Britânico encerra as três fases que aqui foram elaboradas para se pensar a historicidade da produção de conhecimento sobre Náucratis. Contudo, isso não significa o fim de tal produção. Como evidenciado, desde meados do século XVIII, eruditos alemães, franceses, britânicos e, a partir do século XX, estadunidenses, se dedicaram a pesquisar o empório. Na primeira fase, os debates eram limitados às fontes literárias antigas e a principal preocupação dos

intelectuais era definir a localização exata do sítio de Náucratis. A insuficiência das fontes tradicionais em fornecer informações mais amplas sobre a organização, administração e vida cotidiana, também foi um grande impedimento para o desenvolvimento dos estudos da história naucratita.

A segunda fase, por sua vez, foi marcada pela localização do sítio arqueológico por William Matthew Flinders Petrie. Neste contexto, houve um avanço significativo nas pesquisas sobre a religiosidade e organização do empório. Contudo, as limitações metodológicas dos primeiros escavadores acabaram por criar uma imagem distorcida da história de Náucratis. Foi somente durante a terceira fase que todo o conhecimento construído acerca do empório até então começou a passar por uma revisão. Esse processo se mostrou necessário a fim de serem preenchidas as lacunas existentes no conjunto das pesquisas sobre o empório.

Uma revisão bibliográfica sobre Náucratis contribui para a reflexão sobre questões mais profundas acerca do processo de produção de conhecimento intelectual e científico. No capítulo primeiro de *Cultura e Imperialismo*, Edward Said menciona um ensaio de T.S. Eliott no qual tal autor afirma que nenhum poeta europeu produz sua obra isoladamente, ou seja, toda obra é produzida no escopo da chamada tradição da literatura ocidental (SAID, 2011, p. 35). É possível expandir essa noção no que diz respeito à produção de conhecimento científico e intelectual: toda obra desse gênero é produzida em uma tradição cultural que engloba uma dada percepção histórica do passado. É possível ainda complementar que nenhuma obra pode ser produzida sem um investimento financeiro que a viabilize. No caso de Náucratis, ainda que os valores monetários não tenham sido discutidos, é notório um grande investimento nas explorações.

A prática imperialista consolidou uma produção de conhecimento que alterou a própria perspectiva dos egípcios sobre o processo histórico de seu país. A Egiptologia, enquanto ciência preocupada apenas com a Antiguidade egípcia em detrimento de outros períodos como o copta e muçulmano, foi fundamental no processo de apropriação da história egípcia pelas potências europeias. Essa apropriação significava a recusa em reconhecer os egípcios modernos como herdeiros dessa experiência histórica; uma das formas pelas quais essa recusa se manifestou foi a omissão da História do Egito Antigo do currículo das escolas durante o período do protetorado britânico (REID, 1985, p. 237). Sem dúvida, tal conjuntura influenciou de diferentes maneiras o conhecimento produzido sobre a região. Com relação à Náucratis, não foi diferente. Os estudos focados unicamente no que seria o elemento grego naucratita, bem como os viesamentos discutidos pela equipe do Museu Britânico, criaram uma perspectiva distorcida sobre a experiência histórica em Náucratis.

A partir desses novos apontamentos, novas oportunidades de pesquisa surgem no horizonte, tais como, a necessidade de explorar profundamente as fontes egípcias — estelas, papiros e inscrições que mencionam Náucratis e integrá-las ao conjunto das fontes arqueológicas e literárias já disponíveis; assim, ampliando a percepção sobre o elemento egípcio de Náucratis. Seria também proveitoso expandir os estudos sobre Náucratis durante os períodos ptolomaico e romano, uma vez que a Náucratis arcaica e clássica vêm sendo debatida há séculos. Essa pesquisa ainda irá se expandir no que diz respeito a esta revisão bibliográfica. Um aspecto que será aprofundado é o lugar ocupado por autores não-europeus, especialmente os egípcios, no quadro mais amplo da produção de conhecimento sobre Náucratis. Por fim, um tema que também será abordado detidamente é o tratamento dispensado, pelos arqueólogos, aos *sebakhins* durante as temporadas de escavação, bem como a invisibilização desses trabalhadores anônimos durante o processo de produção de conhecimento sobre Náucratis.

De um local fundado e administrado por gregos, os estudos sobre Náucratis passaram a apontar a existência de um empório mais egípcio do que helênico, e, atualmente, multiétnico em essência. Tais transformações no discurso sobre Náucratis foram marcadas ora pelo atestado da possibilidade da convivência e trocas mútuas entre gregos e não-gregos, ora pela defesa da impossibilidade desse tipo de interação, reduzindo os contatos desses povos a uma esfera apenas comercial. Assim, Náucratis está, como tantos outros objetos de estudo da História Antiga, no cerne de uma disputa ideológica que, em diferentes níveis, é influenciada pelas conjunturas na qual o conhecimento é produzido. A especificidade do sítio de Náucratis reside justamente em sua localização, no Egito, no norte do continente africano; no encontro entre duas experiências históricas assimiladas a um quadro de conhecimento que, não há muito tempo, almejava ser universal.

Referências bibliográficas:

Fontes:

BUCKINGHAM, James Silk. **Visit to the ruins of Naucratis and the site of Sais.** *In:* Original Papers Read Before the Syro-Egypt Society of London, vol. I, part. I. Londres, 1845. Disponível em: <https://archive.org/details/originalpapersre01syro/page/n7/mode/2up>. Acesso em 17 de fevereiro de 2024.

D'ANVILLE, Jean-Baptiste. **Du Delta entre la Bouche Canopique et Phatimetique, ou celle Damiat.** *In:* Mémoires sur L'Egypte Ancienne et Moderne. L'Imprimerie Royale. Paris, 1776.

Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=FHBG0AEACAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 17 de fevereiro de 2024.

EGYPT EXPLORATION FUND. **Artefacts of Excavation**. Disponível em:

<https://egyptartefacts.griffith.ox.ac.uk/resources/egypt-exploration-fund-eef>. Acesso em 22 de janeiro de 2024.

EL-FALAK, Mahmoud. **Faubourgs et environs d’Alexandrie**. In: *Mémoire sur l’Antique Alexandrie*. L’Imprimerie de Bianco Luno. Copenhague, 1872. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=fjgWcQHnerAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em 17 de fevereiro de 2024.

GARDNER, Ernest. **Naukratis. Part II** (Sixth Memoir of the Egypt Exploration Fund). Londres, 1888. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=jF0LAAAAIAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em 17 de fevereiro de 2024.

HOGARTH, David George. **Excavations at Naukratis**. In: *The Annual of the British School at Athens*, Vol. 5 (1898/1899), p. 26-97. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/30096238>. Acesso: 09 de novembro de 2023.

HOGARTH, David George. **Naukratis, 1903**. In: *The Journal of Hellenic Studies*, Vol. xxv (1905). Disponível em: https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/naukratis1903/0003**.* Acesso: 09 de novembro de 2023.

JOLLOIS, Jean-Baptiste Prosper; BOIS-AYMÉ, Jean-Marie Joseph. **Description des principales ruines situées dans la portion de l’Ancien Delta comprise entre les branches de Rosette et Damiette**. In: *Description de l’Égypte: antiquités, descriptions*. Tome Second. . L’Imprimerie Royale. Paris, 1818. p. 01-18. Disponível em:

<https://ia904703.us.archive.org/27/items/DescriptiondelE1Fran/DescriptiondelE1Fran.pdf>. Acesso em 17 de fevereiro de 2024.

PETRIE, William Matthew Flinders. **Naukratis. Part I**, 1884-1885 (Third Memoir of the Egypt Exploration Fund). Londres, 1886. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=IqOapCsXuUMC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em 17 de fevereiro de 2024.

VILLING, Alexandra *et al.* **The Material Culture of Naukratis** - an overview. In: *Naukratis: Greeks in Egypt*. The British Museum, 2014. Disponível

em: https://webarchive.nationalarchives.gov.uk/ukgwa/20190801112801/https://www.britishmuseum.org/research/online_research_catalogues/ng/naukratis_greeks_in_egypt/material_culture_of_naukratis.aspx. Acesso em: 10 maio 2023.

Referências:

- BERGMANN, Marianne; HEINZELMANN, Michael. **Schedia** (Kom El-Gizah and Kom El-Hamam, Department of Beheira) Report on the documentation and excavation season 18, March-18, April 2003. Disponível em: https://archaeologie.phil-fak.uni-koeln.de/sites/archaeologie/Forschungsprojekte/schedia/Bergmann_Heinzelmann_Schedia_2003.pdf. Acesso em 21 de março de 2023.
- BERNAL, Martin. **A imagem da Grécia Antiga como uma ferramenta para o colonialismo e a hegemonia européia**. In: Repensando o Mundo Antigo. IFCH-UNICAMP, n° 49, Abril de 2005. p. 13-31.
- BIAZOTTO, Thiago. **Mundo Antigo e Modelos Normativos Modernos: Helenização e Aculturação**. Revista E. F.e H. da Antiguidade, Campinas, no 156 27, Julho 2013/Junho 2014.
- BRESSON, ALAIN. **Rhodes, P’Hellénion et le statut de Naukratis (VIe-IVe siècle a.C.)**. In: Dialogues d’histoire ancienne, vol. 6, 1980. pp. 291-349. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/dha_0755-7256_1980_num_6_1_1414. Acesso em 20 de fevereiro de 2024.
- CUEVA, Covadonga Sevilla. **Topografía y localización de la ciudad de Naukratis desde la Antigüedad hasta nuestros días**. Espacio, Tiempo y Forma, Serie II, Historia Antigua, t. 7, 1994. Disponível em: <https://revistas.uned.es/index.php/ETFII/article/view/4232>. Acesso: 09 novembro de 2023.
- DANIELS, Megan. **Beyond East and West: conceptions of Naukratis**. Peopling the Past, 2022. Disponível em: <https://peoplingthepast.com/2022/11/07/blog-post-69-megan-daniels-naukratis/>. Acesso em: 21 de março de 2023.
- DEMETRIOU, Denise. **Beyond Polis Religion: religious practices in the cosmopolitan emporion of Naukratis**. BABESCH 92 (2017), p. 49-66. Disponível em: https://www.academia.edu/35653706/Beyond_Polis_Religion_Religious_Practices_in_the_Cosmopolitan_Emporion_of_Naukratis. Acesso em 20 de fevereiro de 2024.
- DROWER, Margaret. **Flinders Petrie: A Life in Archaeology**. Reino Unido - *The University of Wisconsin Press*, 1995.
- FUNARI, R. S.; Gralha, J. **O Egito Antigo**. In: Renata Lopes Biazotto Venturini. (Org.). Antiguidade Oriental e Clássica: economia, sociedade e cultura. 1ed. Maringá: Eduem, 2010, v. 1, p. 13-36. Disponível em: https://www.academia.edu/38192821/O_Egito_Antigo_pdf. Acesso em: 29 de abril de 2024.
- GRAS, Michel. **Emporion and Archaic Polis, a complex dialectic**. In: The Emporion in the Ancient Western Mediterranean: trade and colonial encounters from the Archaic to the Hellenistic Period. Sigean, FR - Presses Universitaires de la Méditerranée, 2018.
- HEGEL, Georg W. F. **Fundamento geográfico da história universal**. In: Filosofia da História. Brasília: Ed. UnB, 1995, p. 73-91.

MONZANI, J. C. **Processos de integração e desintegração na Grécia no final da Idade do Bronze e início da Idade do Ferro (1300 a 800 a.C.).** Mare Nostrum, [S. l.], v. 4, n. 4, p. 1-21, 2013. DOI: 10.11606/issn.2177-4218.v4i4p1-21. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/marenostrum/article/view/105841>. Acesso em: 19 de maio de 2023.

REID, Donald. **Indigenous Egyptology: the decolonization of a profession?** Journal of the American Oriental Society, 105.2 (1985). Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/601703>. Acesso em 26 de março de 2024.

VILLING, Alexandra. **Naukratis: a city and trading port in Egypt.** The British Museum, 2015. Disponível em: https://webarchive.nationalarchives.gov.uk/ukgwa/20190801123905/https://www.britishmuseum.org/research/online_research_catalogues/ng/naukratis_greeks_in_egypt/introduction/naukratis_a_city_and_port.aspx. Acesso em: 20 de março de 2024.

VILLING, Alexandra; THOMAS, Ross. **The site of Naukratis: topography, buildings and landscape.** The British Museum, 2013. Disponível em: https://webarchive.nationalarchives.gov.uk/ukgwa/20190801114017/https://www.britishmuseum.org/research/online_research_catalogues/ng/naukratis_greeks_in_egypt/topography.asp. Acesso em: 10 de maio de 2023.

VILLING, Alexandra. **Discovery and excavations: Naukratis from the 19th century until today.** The British Museum, 2017. Disponível em: https://webarchive.nationalarchives.gov.uk/ukgwa/20190801112821/https://www.britishmuseum.org/research/online_research_catalogues/ng/naukratis_greeks_in_egypt/introduction/discovery_and_excavations.aspx. Acesso em: 22 maio de 2023.

LANGER, Christian. **O colonialismo informal da Egiptologia: da missão francesa ao Estado de segurança.** Mare Nostrum, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 243-268, 2021. DOI: 10.11606/issn.2177-4218.v12i1p243-268. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/marenostrum/article/view/183117>. Acesso em 20 de junho 2023.